



Condensado de
CHRISTIAN HERALD

BILL SURFACE

Adolescentes que Fogem de Casa

A suposta vida livre e fácil dos hippies tem-se revelado uma atração poderosa para milhares de jovens com problemas familiares. Se tivessem sabido das verdadeiras condições dos refúgios hippies, poucos dêses jovens teriam fugido

NUM SÁBADO, em julho de 1968, Deborah Neill, menina franzina de 13 anos de idade, cabelos compridos castanho-avermelhados, resolveu fugir de casa. Juntamente com outra adolescente, pegou carona até Greenwich Village, o bairro boêmio de Nova York, e acabou dormindo no Parque Washington. No dia seguinte, Deborah telefonou a um tio em Vickery, Estado de Ohio, prome-

tendo que estaria em casa dentro de um ou dois dias.

Enquanto perambulava pelo Village, Deborah foi abordada por dois rapazes, que a conduziram ao quinto andar de uma casa de cômodos, a despiram e violentaram. Na tentativa de evitar novos ataques, fugindo por uma janela do banheiro, a menina caiu e morreu.

O mêdo de tragédias como esta atormenta um número cada vez

maior de pais, à medida que se alastra essa febre de fugas de adolescentes. Em 1968 a polícia prendeu mais de 150.000 menores americanos desaparecidos (5.000 com menos de 11 anos). E como os fugitivos, em sua grande maioria, são devolvidos às famílias sem serem presos, estas cifras dão apenas uma idéia da magnitude do problema.

Um número cada vez maior de fotografias, descrições de fugitivos e ofertas de recompensas se vê afixado em lojas, restaurantes, vestibulos de igrejas, em delegacias e nos pontos mais visados das grandes cidades. Os jornais publicam anúncios patéticos. Do *Village Voice*: "Caryn, de 13 anos, longos cabelos castanhos e óculos de aros finos, desaparecida desde 18 de dezembro. Tudo se pode ajeitar." E no *Daily News* de Nova York: "Eugenia Gonis. Por favor, telefone para casa. Seus pais estão preocupados. Se alguém tiver visto esta menina. . ."

"Fugir de casa tornou-se uma moda, uma resposta trágica e quase automática para os problemas da escola ou do lar", diz o Capitão Joseph Lynch, chefe da Divisão de Pessoas Desaparecidas do Departamento de Polícia de Nova York.

A notoriedade das agitadas comunidades hippies aumentou a incidência de fugas. Crianças infelizes ou rebeldes que antigamente compreendiam que não tinham meios para subsistir longe de casa hoje acreditam que podem viver com os marginais da sociedade e os

perversos sexuais, que se congregam no East Village de Nova York, em Haight-Ashbury de São Francisco, em Sunset Strip de Los Angeles e em outros pontos de reunião das grandes cidades. Longe de encontrarem a vida romântica que esperavam, a maioria dos fugitivos desilude-se ao fim da primeira ou da segunda noite. De fato, para cada fugitivo que permanece longe de casa um ano ou mais, pelo menos 10 procuram a polícia ou telefonam a amigos dentro de alguns dias, na esperança de que seus pais os encontrem. Especificamente, 66% dos fugitivos em Nova York são localizados dentro de três dias.

Tendo fugido por raiva ou desespero, a maioria dos fugitivos não têm roupas nem dinheiro para se manter. Carecem também de conhecidos na cidade estranha. O rapaz geralmente descobre que os hippies autênticos já se mudaram daquela zona e que ele é jovem demais para ser aceito por qualquer grupo comunal, a menos que possua dinheiro, entorpecentes, automóvel ou motocicleta.

Recentemente observei um rapaz de aproximadamente 16 anos que perambulava pela Praça de S. Marcos, no East Village de Nova York. Depois de ser abordado por um cáften, um homossexual e cinco alcoólatras barbados, o rapaz começou a ficar apreensivo e rumou para a esquina de uma rua movimentada, entrando numa lanchonete. Finalmente vi-o conversando com um

homem que o levou para um velho edifício e, conforme vim a saber depois, para um quarto miserável—que continha quatro pessoas deitadas em três colchões imundos.

Para viver nesse cômodo, o rapaz foi obrigado a deixar o dinheiro que possuía (3,40 dólares) numa lata de café. No dia seguinte recebeu ordem de arranjar comida suficiente para o grupo, o que significava pedir esmolas, roubar ou pedir nos armazéns. Assim mesmo êle foi relativamente feliz. Muitos fugitivos não encontram lugar para dormir, ou acabam compartilhando uma cama com homossexuais ou toxicômanos.

As mocinhas (geralmente garôtas de 14 e 15 anos) são mais facilmente aceitas pelos ocupantes de apartamentos coletivos. Muitas vêzes elas são demasiado ingênuas para reconhecer, a não ser quando já é tarde, os perigosos desajustados que infestam os redutos dos fugitivos. Frequentemente elas são obrigadas a roubar nas lojas, a ingerir tóxicos, a prostituir-se e ter relações sexuais com o grupo.

Reconhecendo os perigos dos antros ou centros comunais, os fugitivos mais prudentes gravitam para os parques, os museus, os terminais rodoviários, as casas vazias ou prédios abandonados. Quando tentam sustentar-se, verificam geralmente que a falta de documentos os limita a mendigar nas ruas, ou a fazer serviços subalternos em espeluncas em troca de uma refeição.

Por que êsses jovens—em sua

maioria oriundos de lares da classe média—fogem de casa? Tirando alguns delinqüentes incorrigíveis, a maioria está inquieta ou confusa. Muitos dizem que fugiram de casa devido a divergências sérias com os pais por questões de namôro, penteados, maconha, ou valôres sociais; por causa de crises provocadas por estragos nos móveis de valor ou no carro da família; ou, mais frequentemente, por mau aproveitamento escolar.

Em alguns casos, os jovens dizem que fugiram de casa porque seus pais eram hipócritas, beberrões, arrivistas, brigões. O Capitão Lynch comenta: “Nossos casos de fugitivos encerram quase tanta delinqüência adulta como juvenil.”

Quaisquer que sejam as razões, os pais atentos geralmente descobrem-nas com antecedência. Observa um policial: “Muitos pais e muitos fugitivos, quando reunidos, percebem em alguns minutos que ambas as partes poderiam ter evitado todo êsse sofrimento se simplesmente houvessem discutido suas divergências em vez de deixarem que elas chegassem ao ponto de ebulição.”

Foi iniciado um grande número de programas de recuperação fora do lar. Em Omaha, Nebraska, os filhos que têm problemas podem telefonar para um grupo de conselheiros e discutir anônimamente as maneiras de resolverem suas divergências com os pais. Em pelo menos 28 cidades americanas, dedicados grupos religiosos e sociais inauguraram

“centros de último recurso” semelhantes à Huckleberry House para fujões, em São Francisco.

Mantida por contribuições e subsídios de fundações, a Huckleberry House vem proporcionando, desde 1967, alimentos, moradia e aconselhamento a 1.750 jovens cansados e muitas vezes famintos. Mas todos são obrigados a preencher uma condição: telefonar a seus pais pedindo licença para ficar, uma noite que seja, na Huckleberry. Inicialmente melindrados ou encabulados, os jovens em sua maioria pegam do telefone e, ao fazerem o gesto, já iniciam a reconciliação. “Dessa forma”, observa o Rev. Larry Beggs, diretor-executivo da Huckleberry House, “os jovens evitam ficar presos por 36 horas—o que pode acontecer, quando a polícia os apanha—e a maioria fica aqui somente até à partida do primeiro ônibus ou avião para a sua cidade.”

Outros grupos de voluntários procuram ativamente jovens desaparecidos. No Greenwich Village, por exemplo, 25 jovens membros da Igreja Evangélica Luterana de St. John tornaram-se conhecidos como os “agentes de recuperação”. Tão logo o Rev. Fred P. Eckhardt, pastor da igreja, recebe um pedido de pais para ajudar a localizar um jovem desaparecido, êle mimeografa tôdas as informações pertinentes e as distribui, juntamente com quaisquer fotografias, aos “agentes de recuperação”. Criados no Village e conhecedores do lugar, os “agen-

tes” muitas vêzes encontram jovens que os profissionais não lograriam descobrir. Um pai chegou a St. John depois de êle, a polícia e um detetive particular haverem passado uma semana em Nova York procurando em vão algum indício de sua filha de 16 anos, que fugira de casa. Quando mencionou que a menina partira levando um clarinete, um “agente” descobriu uma jovem que se lembrava de ter visto uma mocinha com um clarinete num pardieiro do Village. Em alguns minutos a mocinha reunia-se ao pai, feliz por se achar a caminho de casa.

Eckhardt e seus jovens paroquianos lançaram também uma Operação Abre-Ôlho. Operando com os pastôres das cidadezinhas vizinhas, Eckhardt arranjou para 42 ônibus, lotados de adolescentes de Estados próximos, fazerem excursões, com os seus “agentes”, às zonas dos “refúgios”—ruas cheias de lixo, infestadas de prostitutas e homossexuais. Depois de mostrarem aos adolescentes os cafés, as bibocas de música estridente e os pardieiros onde estão os antros dos viciados, os garotos fazem sòzinhos um passeio de uma hora.

Até agora nem um só dos 1.900 jovens que fizeram essa excursão deixou de voltar minutos antes da hora marcada. Além do mais, a impressão de muitos adolescentes tem sido igual à de um menino de cabelo arrepiado que disse: “Eu já pensei em fugir de casa. Mas depois de ver onde a gente vai acabar, não estou mais interessado.”